



Título: O Terreiro na Educação Geográfica

Autor: João Fábio Barros Feliciano Barbosa. Graduando em Geografia pela FFP/UERJ. Email: barrosjoaof@gmail.com

Resumo

Neste ensaio, buscamos refletir sobre uma perspectiva da Educação partindo dos saberes do Terreiro de Candomblé, pois além de pensar a epistemologia e os conceitos geográficos, analisamos como aplicar esses saberes na Educação Geográfica. Tendo como base experiências e espacialidades não hegemônicas, sentimos a necessidade política de tratar desse tema, tendo em vista a alta quantidade de racismo religioso praticada nos espaços educativos. Sendo assim, analisamos nesse texto como a possibilidade de pensar as Geografias de Terreiro, o ser-estar espacialmente, partindo dos saberes Filosóficos do Terreiro não somente é possível como também seria uma forma de contribuir para uma Pedagogia Engajada, visando a importância do debate Étnico-Racial e de Gênero nos processos educativos, sobretudo no Ensino Geográfico.

Palavras-chave: Candomblé; Ensino; Ontologias Geográficas; Saberes de Terreiro.

Abstract

In this essay, we seek to reflect on a perspective of Education based on the knowledge of the Candomblé Terreiro, because in addition to thinking about epistemology and geographical concepts, we analyze how to apply this knowledge in Geographical Education. Based on non-hegemonic experiences and spatialities, we felt the political need to address this issue, given the high level of religious racism practiced in educational spaces. Therefore, in this text, we analyze how the possibility of thinking about the Geographies of Terreiro, the spatial being-being, starting from the Philosophical knowledge of Terreiro is not only possible, but would also be a way of contributing to an Engaged Pedagogy, aiming at the importance of the Ethnic-Racial and Gender debate in educational processes, especially in Geographical Education.

Keywords: Candomblé; Teaching; Geographical Ontologies; Terreiro Knowledge.

1. Introdução

Nesse breve texto, que tem um caráter ensaístico, buscamos trazer a relevância de pensar a Educação Geográfica partindo da perspectiva do Terreiro. As hipóteses que apresentamos neste trabalho, que não se esgotam nesse texto, partem do princípio de que o Terreiro pode ser constituído enquanto um contra-espço (MOREIRA, 2012), logo, sua relevância para pensar a espacialidade há algum tempo vem sendo feita dentro do campo geográfico (CORRÊA, 2013), porém identificamos uma ausência desse saber enquanto uma potência de enxergar de como *ensino geográfico* pode ser pensado partindo da perspectiva do Terreiro.

O objetivo deste ensaio seria o de apresentar a proposta para uma não limitação intelectual e teórica de como pensamos e aplicamos a Educação Geográfica, tendo como princípio os saberes espaciais e filosóficos construídos pelas corporeidades de terreiro. Pensando a multiescalaridade de como esses corpos se constituem e são constituídos, podemos reproduzir uma outra concepção e relação de natureza. Logo, acreditamos que há nesse movimento uma potência para constituir outras formas de ler o mundo, que, partindo das ontologias de terreiro podem engajar geografias que necessariamente precisem estar acorrentadas ao universalismo categórico e conceitual embasados e estruturados na modernidade.

O interesse por pesquisar sobre esse tema surge enquanto um projeto de Iniciação Científica está sendo feito, tendo como título *A Geograficidade das Mulheres do Ilê Obá Ganju* (BARBOSA, 2024), terreiro de candomblé situado em Belford Roxo - Baixada Fluminense (RJ). Porém, especificamente nas entrevistas para a elaboração do trabalho citado anteriormente, essa vontade e necessidade de escrever sobre essa fricção do Terreiro e a Educação Geográfica nasce, pois se

torna evidente que há um sentido geográfico que esses corpos produzem, estando ou não em processos espirituais e litúrgicos.

2. Metodologia

Para a construção desse ensaio, além de revisão bibliográfica e sistematização de produções dedicadas aos temas mais gerais da relação corpo e espaço na Filosofia e na Geografia; do Feminismo Negro; das religiões de matriz africana e da educação geográfica, contamos com relatos e entrevistas dessas mulheres, como sendo mulheres-de-terreiro, fazendo da escuta ativa uma forma de direcionar esse trabalho. Importante deixar claro que essa metodologia se influencia bastante pelo campo da *Etnografia*, segundo Limulja (2022).

Tendo em vista que esse ensaio se divide em duas partes, primeiramente contamos com uma apresentação do que enxergamos ser o Espaço - Terreiro e como essa epistemologia pode, por exemplo, construir outras relações baseadas nos prismas da historicidade da ciência geográfica, sendo eles sociedade e natureza, tendo como referências as obras de Sodré (2017; 2019). Na segunda parte, partimos para a hipótese de como podemos, por meio desses saberes espaciais do terreiro e das corpografias das pessoas que vivem o terreiro, produzir uma contribuição para pensar e formular o campo da Educação Geográfica e as territorialidades diversas que se constituem para além das estruturas das filosofias modernas, tendo como referência hooks (2013) e os geógrafos Corrêa e Pires (2024).

3. Discussão

O terreiro se constitui enquanto uma experiência que, dentro da *expansão territorial brasileira*, é implementada partindo da diáspora dos povos bantu, nagô, fon, ibadan, ijexá, malê e tantos outros, porém, essa relação de diáspora o *hibridismo cultural*, como pensa Glissant (2005), se tornam um fator primordial, pois há nesse movimento de diáspora um choque cultural e podemos dizer que esse momento de

tensão cultural cria reverberações em muitos espaços, inclusive no terreiro. Partindo disso podemos pensar a presença do sincretismo religioso católico e o culto aos caboclos, boiadeiros (que seriam os povos nativos do território brasileiro), logo, vemos que no terreiro essa experiência de diáspora se estrutura partindo de uma dinâmica cultural múltipla, de diversas etnias que estão presentes no território brasileiro mas que também atravessam o atlântico, constituindo epistemologias - saberes que sendo espirituais se relacionam com saberes medicinais, terapêuticos, biológicos e climáticos, que marcam não somente essa tensão cultural - no intuito dessas cultural se encontrarem e se re-constituírem de uma maneira co- existente, porém desafia os sistemas vigentes hegemônicos, tendo em vista que no terreiro temos a presença de diversas etnias, raças e gêneros - onde naquele espaço esses marcadores sociais são repensado de outra forma, como nos mostra Theodoro (1996) ao falar do papel da espiritualidade e fé para as mulheres negras. Uma outra hierarquia assume o lugar e entendemos isso enquanto uma potência de pensar o espaço, a constituição de sujeitos e suas geograficidades tendo como base os princípios lógicos de localização (MARTINS, 2007) e distribuição (MOREIRA, 2008).

Primeiramente, no parágrafo anterior, *situamos* o terreiro em uma escala nacional e podemos dizer que em um recorte temporal está sendo marcado pelo colonialismo, pois entendemos que quando trazemos o terreiro de candomblé nas territorialidades (LOPES, 1995) brasileiras, temos um acúmulo de quatro séculos, logo esse espaço acompanha os diferentes tempos e espaços. Porém, nesta parte do texto, iremos fazer um papel de desenvolver o que nos faz pensar essa fricção do terreiro com a educação, tendo como base os relatos e entrevistas que na metodologia explicamos como se desenvolveram, todavia se torna necessário fazer algumas pontuações. No candomblé há nações e essas nações seriam diferentes povos e diferentes formas de lidar com o mundo, sendo as mulheres entrevistadas membros de um terreiro da nação Ketu - onde os povos Nagô (principalmente Oyo) têm uma grande influência, seus saberes partem desse local, o Candomblé Ketu.

Segundo Pires e Corrêa (2024), a proposta de educação diferenciada teria como objetivo abordar assuntos e temas, que permanecem em lugares esquecidos ou

pouco lembrados, dentro da universidade e até fora, pois, segundo os autores, podemos trabalhar com diversas territorialidades e a partir disso pensar nas diferentes formas de ver, de aplicar e até mesmo de pensar o ensino. Chamam atenção no texto as distintas territorialidades, podendo ser *educação indígena, quilombola, questão de gênero, educação do campo e o EJA*. Com base nesse texto, em busca de uma tentativa de *abraçar a mudança* (HOOKS, 2013), propomos pensar nesse ensaio, de forma breve, de como podemos pensar a presença do Terreiro para a Educação.

O Obá de Xangô Muniz Sodré chama atenção em seu livro, *O Terreiro e a Cidade* (2019), especificamente para o capítulo *Atitude Ecológica*, para o papel do terreiro, partindo de uma experiência vivenciada no *Terreiro Opô Afonjá (Bahia)*. Sodré, nesse momento, nos leva a pensar em como o terreiro lida com a natureza, e como as crianças e adultos são educados a lidar, pois a construção do que vem a ser a natureza não se dirige de maneira universal. Essas problematizações acompanham o terreiro desde sua constituição, não seria uma atitude sustentada pela *sustentabilidade* e todo seu pano de fundo neoliberal, pelo contrário, pois dentro da espiritualidade dos candomblés de descendência nagô, temos a presença de um *irunmole (Orisa - Deus)* que é uma árvore e essa árvore seria a representação dele aqui, na terra. *Iroko Daiba* seria esse orixá responsável por, de maneira explícita, não somente ilustrar que essa dicotomia sagrado (deus) - natureza não se sustenta dentro dos saberes de terreiro, mas também de como, nas epistemologias de terreiro, o conceito de natureza não se sustenta partindo de uma lógica capitalista, mesmo que tendo em vista a hegemonia do capitalismo revestido de neoliberalismo.

Acreditamos que, ao nos atentarmos a essa problemática, não somente uma outra perspectiva de *natureza* podemos trazer. Em tempos de extrema consequências das alterações climáticas e sua maneira *interseccional* (COLLINS e BILGE, 2021) em resposta à chegada desse impacto desses eventos nas distintas *corporeidades* que compõem o mundo, acreditamos que podemos pensar o *Saber Geográfico* e as *Ontologias Geográficas* (BITETI, 2014), que, partindo da episteme do Terreiro, podem nos levar a pensar diferentes formas de aplicar aquilo que

Moreira (2008) chama de *raciocínios geográficos*, surgindo assim uma contribuição para pensar uma *constelação de conceitos* (HAESBAERT, 2014) dentro do *ensino geográfico*.

4. Resultados

A importância dos resultados apresentados por essa pesquisa para o ensino geográfico podem ser assegurada pela lei 10.639/03 - 11.645/08, pois se tratam de temas que fazem parte de assuntos que territorial e historicamente estão presentes na constituição da nossa história, marcada pela diáspora Afro-Brasileira, tendo em vista que os terreiros começam a serem constituídos ainda no século XVIII com a presença dos povos Bantu enviados pelos navios negreiros dos portos de Luanda e Benguela para a região Nordeste, e como vemos, esses espaços religiosos continuam a existir na contemporaneidade, produzindo saberes e formas de lidar com o mundo, experimentando e produzindo uma cidadania mesmo em cenários brutais, como aponta Sodré (2019).

Além das questões que são asseguradas por lei, dada a ausência desses assuntos e temas na educação, o *racismo religioso e intolerância religiosa* são práticas que acompanham a historicidade da constituição do nosso país, logo essas questões chegam à sala de aula, sejam por falas, olhares, gestos e até mesmo violência física. Dado o avanço da hegemonia evangélica, se torna urgente que essas temáticas façam parte do cronograma a ser ensinado, para enfim desmistificar algumas questões que institucionalmente ainda permanecem vivas, pois, como vimos há poucos anos em relação à votação no *Supremo Tribunal Federal* em referência à imolação animal nos cultos afro-religiosos.

Assim sendo, pensar o *Terreiro na Educação* ou uma *Educação de Terreiro* se torna um compromisso ético-político, um ato subversivo e necessário. Necessário por conta desses saberes não ficarem esquecidos nas gavetas e ruínas da modernidade e subversivo, pois dependendo da localidade onde você aplicar esses saberes, seja por meio de oficinas, vídeos, aulas e debates, mais exposto aos ataques de cunho *racista-religioso* estará.

5. Considerações Finais

Acreditamos que ao falar das epistemologias de Terreiro, que são consequências das diásporas dos africanos escravizados, dando ênfase nas etnias Nagô, esforço feito por Muniz Sodré (2017), podemos obter diferentes formas que podem contribuir tanto para pensar o mundo, as maneiras que lidamos e construímos nossas sociabilidades, como também aplicar os saberes espaciais constituídos nessa relação, que em nossa perspectiva partem como uma grande relevância para pensar modos de ser e estar no mundo, que não apenas presos ao saber científico, se constituem no campo da epistemologia e da ontologia, reconhecendo assim uma potência para pensar a *Educação Geográfica*.

Sendo assim, para além dessa proposta de repensar as *epistemologias da geografia* e sua presença nos processos e locais educativos, enxergamos a potência desse debate como um meio importante para desmistificar o senso comum que muitas das vezes se encontra revestido do *racismo religioso*, surgindo assim um compromisso político ou uma *pedagogia engajada* (HOOKS, 2013) ao tratar do terreiro nos espaços educativos de formação.

Referências Bibliográfica

- BARBOSA, J.F.B.F. A Geograficidade das Mulheres do Ilê Obá Ganjù. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFAS E GEÓGRAFOS**, VIII. USP(Universidade de São Paulo). Anais Eletrônicos, 2024.
- BITETI, Mariane de Oliveira. **O em-si-para-o-outro-para-si: o ôntico e o ontológico como dimensões do ser geográfico**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2014
- COLLINS, Patricia. BILGE,Sirma. **Interseccionalidade**. 1ed.São Paulo: Boitempo.2021.
- CORREA, A. M. . Não Acredito em Deuses que não Saibam Dançar: a Festa do Candomblé, Território Encarnador da Cultura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA,

- Roberto Lobato. (Org.). **Geografia Cultural: Uma Antologia**. 1ed. Rio de Janeiro-RJ: EdUERJ, 2013, v. II, p. 203-218.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand, 2014.
- HOOKS, Bell.: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Martins Fontes, 2013.
- LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros, uma etnografia dos sonhos Yanomami**. Editora: UBU, 2022.
- MARTINS, Elvio. Ontologia e geografia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 21, pp. 33 - 51, 2007.
- MOREIRA, R. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográfica**. São Paulo: Contexto, 2012. 224 p.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PIRES SIMÃO, M. .; CORRÊA, G. S. Estágio supervisionado em geografia a partir de contextos diferenciados de ensino . **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 61, p. 247–287, 2024. DOI: 10.62516/terra_livre.2023.3473. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3473>.
- SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: A Forma Social Negro-Brasileira**. Mauad Editora Ltda, 2019.
- SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, 238p.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p 77-116.
- THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

